



VERDADES HENFILIANAS: CÉUS, INFERNOS E CORRETIVOS DE REALIDADE

Elio Chaves Flores*

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

elioflores@terra.com.br

O que mais me desgasta na luta com a censura é a tentativa de dar razão, de racionalizar a censura. É como procurar cabelo na careca do Jaguar. E a gente tem que tentar encontrar uma razão, uma só, pra não enlouquecer. Pra não achar que tá lutando com fantasmas. Pra não achar que tão te perseguindo, te marcando, lendo teus pensamentos mais obscuros. Será que eles vêm o conteúdo inconsciente de uma caricatura que eu, que faço, não vejo?

Henfil¹

As andanças da historiadora Maria da Conceição Francisca Pires por instituições de ensino e pesquisa do país são quase epopéicas: Pernambuco (UFPE), Santa Catarina (UDESC), Espírito Santo (UFES), Rio de Janeiro (UFF, UFRJ, UNIRIO e FCRB) e agora Minas Gerais (Universidade Federal de Viçosa). Como pesquisadora, em todas elas, foi inescapável se dedicar a projetos atravessados por fontes humorísticas produzidas por intelectuais que representavam as coisas da política fora da “grande história”, isto é, risonhas, bizarras e carnavalizadas.

* Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História (UFPB). Autor da tese **República às Avessas: narradores do cômico, cultura política e coisa pública no Brasil contemporâneo**. Programa de Pós-Graduação em História/UFF, 2002.

¹ HENFIL. **Diário de um Cucaracha**. Rio de Janeiro: Record, 1976, p. 131. [Carta datada de New York, de 15 de janeiro de 1974].

Há quase quinze anos, a autora iniciava nessa seara com um estudo monográfico sobre **A pilhéria da modernidade**;² depois, seguiu-se a dissertação de mestrado, **Humor, política e cotidiano: um olhar sobre a modernidade no Recife dos anos 20**;³ e, mais recentemente, defendeu a tese de doutorado, **Cultura Política entre Fradins, Zeferinos, Graúnas e Orelanas**.⁴ Tal é a importância historiográfica dessa temática que a tese foi publicada em livro,⁵ tornando-a acessível ao grande público, e sobre o qual me detenho num esforço de resenhador que também pesquisou as coisas do humor político e do riso.

Maria da Conceição Francisca Pires analisa a produção do humor nos tempos da ditadura militar no Brasil debruçando-se sobre o que “jornalista” mineiro Henrique de Souza Filho, o Henfil, publicou no jornal **O Pasquim** (1969-1991) e na **Revista Fradim** (1973-1980). Não é fácil enquadrar Henfil nos nichos intelectuais, ele gostava que o chamassem de jornalista, mas desenhava, criava personagens e era um escrevinhador de cartas e diários que, cáusticos e ácidos, ajudaram a destronar e desmoralizar um regime político que, numa expressão bakhtiniana – adiantos que expressões bakhtinianas abundarão aqui –, poderíamos classificá-lo de agelasto.

Ao gosto de suas opções teóricas pela história cultural e dos dividendos que as culturas políticas gozam nos interstícios das produções científicas de Clio, Maria da Conceição Francisca Pires logo se apropria de uma postura engajada de Henfil. Assim ela se reporta: “como artista do riso e sujeito politicamente engajado, Henfil assinalou repetidamente o seu entendimento de que todo humor é político”.⁶ Com efeito, todo humor é político, mas parece ter sido o próprio Henfil a revelar que todo intelectual que se dedica a “humorizar” a política nem sempre admite um discurso humorístico sobre si mesmo. Quando, numa entrevista ao **Pasquim**, em junho de 1973, Henfil foi acusado de subdesenvolvido por Millôr Fernandes, ele logo chutou o balde da razão ironista: “Eu não quero fazer humor. Eu não quero ter sucesso, eu não quero ter fama, eu não quero

² PIRES, Maria da Conceição Francisca. **A pilhéria da modernidade**. 1997. Monografia – Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, 1997.

³ Id. **Humor, política e cotidiano: um olhar sobre a modernidade no Recife dos anos 20**. 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.

⁴ Id. **Cultura Política entre Fradins, Zeferinos, Graúnas e Orelanas**. 2006. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

⁵ Id. **Cultura Política entre Fradins, Zeferinos, Graúnas e Orelanas**. São Paulo: Annablume, 2010. 280 p.

⁶ Ibid., p. 18.

ter dinheiro”. Isso está sendo lembrado porque, no decorrer do livro, a autora explora dois aspectos quase permanentes na produção humorística de Henfil: o dialogismo e o distanciamento. A questão é tentar perceber como um “humor engajado” que, a rigor, seria antes o denunciador das dores sociais infringidas pelos protagonistas da ditadura e da repressão, pode ser lido como dialogista e distanciado. A ousada comunhão de pressupostos teóricos entre Mikhail Bakhtin (o prosaísta do riso e do carnavalesco) e Walter Benjamin (o narrador da melancolia e do desespero) adotada pela autora a levaram a perscrutar o inconsciente do traço henfiliano. Aquilo que, conforme a epígrafe acima, o próprio Henfil admitia que os censores viam e que, ele, produtor de humor político, não via. Além do mais, Conceição Pires, leitora também de Carlo Ginzburg, percebe o humor como um vestígio, especialmente o humor de Henfil ainda não canonizado. Essa historicidade recente da República (a ditadura militar) e o humor que lhe prestou uma representação risível e, portanto, trágica, não escapou às argutas observações da autora, pois o humor como vestígio “[...] nos possibilita identificar formações identitárias que se organizavam como expressão da luta política desenvolvida entre uma produção cultural considerada ainda marginal e a ditadura militar”.⁷

Destaque-se do primeiro capítulo do livro o encontro de Henfil com os demais membros do **Pasquim**, a pasquinália, que, segundo Conceição Pires, teria sido o primeiro passo para as redes de sociabilidades que o “mineiro do traço” encontraria no Rio de Janeiro, ainda a capital cultural da República. O que teria interessado à autora versada nas peripécias henfilianas? A chave interpretativa desse interesse é Bakhtin, aqui não o da carnavalização, mas o do dialogismo. A autora interessou-se pela produção humorística da pasquinália (então Henfil é um pasquiniano) ultrapassando o texto (discurso humorístico), percebendo também o lugar temporal (o contexto) e as vozes com as quais a pasquinália se comunicava (intertexto), que tanto podiam ser os interlocutores combatentes quanto a própria retórica das direitas triunfantes. É sintomático que esse Bakhtin acostado a Henfil é o prosaísta da **Estética da Criação Verbal**, especialmente o notável capítulo “O todo temporal do herói” que discute o problema do “homem interior, da alma”.⁸ A pasquinália seria esse todo temporal do Henfil? Não se pode afirmar isso, pois esse “pasquiniano católico” foi um produtor de

⁷ PIRES, Maria da Conceição Francisca. **Cultura Política entre Fradins, Zeferinos, Graúnas e Orelanas**. São Paulo: Annablume, 2010, p. 26.

⁸ BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 115-151.

tipos encarnados muitas vezes na pele de dialogistas e, não raras vezes, carnavalizados, que, no espectro de Bakhtin, bem que poderiam ser designados de “heróis reduzidos”. Nem vou me atrever a especular que Henfil passe por herói cultural da historiadora e que o jornalista Denis Moraes biografou como “o rebelde do traço”. Pelo simples motivo, embora controverso, que nem os pasquinianos suportavam, à época, nem os historiadores suportam (ainda hoje?) heróis fora da “integridade da obra de arte”.

Com efeito, seguindo o diapasão da leitura vamos encontrar “cinco personagens e um autor”. Volto a Bakhtin para indagar se não seria o “excedente da visão estética”? Suspeito que foi preciso a Conceição Pires praticar a perspectiva exotópica, pois a complexidade do autor Henfil e as dialógicas de seus “heróis diminuídos” exigiriam que, historiograficamente, se ultrapassasse a condição de “Henfil e todos os outros”.⁹ Por isso mesmo que faço aqui uma citação didática:

O foco central de minha análise foi o universo discursivo dos quadrinhos referentes aos **Fradins** e ao **Grupo do Alto da Caatinga (capitão Zeferino, Bode Francisco Orelana e Graúna)**, personagens cujas temáticas abordadas giravam em torno da crítica dos costumes da classe média, dos problemas sociais e políticos nacionais e do impacto do cerceamento das liberdades no cotidiano.¹⁰

Os Fradins (Baixim e Cumprido) mereceram o segundo capítulo e foram autuados (em homenagem ao Ginzburg lido por Conceição Pires) como “polifônicos e paródicos”, não de espaços quaisquer, mas dos céus e dos infernos. Os Fradins são do ano fatídico do Golpe de Estado contra a Democracia, 1964, e apareceram na revista mineira Alterosa no mês de julho. No Pasquim eles estrearam no segundo número, em julho de 1969. Mas repercutiram depois do AI-5 e da repressão às classes médias, aos intelectuais e aos artistas, enfim, nos desesperados anos da década de 1970. Henfil lançaria a **Revista Fradim** no ano de 1973. Mas vamos à dupla dos frades dominicanos. Baixim seria o protagonista das “práticas amorais” e, tanto fazia estar no céu ou no inferno, não abdicava do “baixo corporal”. Cumprido passava por benevolente, pouco ridente e, talvez, admitisse que tanto a tortura no Brasil quanto a inquisição católica não deixavam de ser traços de Deus na história. A autora sustenta que, através das historietas dos Fradins, Henfil explora a carnavalização no contexto agelasto da

⁹ Confesso que escrevi a presente resenha sob o impacto da leitura de MORSON, Gary Saul & EMERSON, Caryl. **Mikhail Bakhtin**: criação de uma prosaística. São Paulo: Edusp, 2008.

¹⁰ PIRES, Maria da Conceição Francisca. **Cultura Política entre Fradins, Zeferinos, Graúnas e Orelanas**. São Paulo: Annablume, 2010, p. 59. [grifos da autora]

ditadura. Se o carnaval é o avesso do cotidiano cujo riso destrona até o que é divino, não seria nada difícil para Henfil “infernizar” o que era verde-oliva. Talvez o que de fato emane como encantatório numa ditadura seja a ordem. Mas não custa lembrar que os cientistas políticos sustentam que se trata de uma categoria metafísica – a ordem mais do que o progresso – da República. Tá lá o dístico no pavilhão nacional. Mas Baixim impunha a desordem na própria ordem do inferno – é no inferno que impera a lei, basta assistir a uma sessão da magistratura – para o sublime desespero de Cumprido.

O fato é que os Fradins, as duas faces da mesma moeda, triunfam sobre o autor Henfil através do “insulto escatológico e da exacerbação do grotesco”, mas Conceição Pires se inclina pelos “corretivos de realidade” do lado mais libertário da moeda, que não poderia deixar de ser o Fradim.¹¹ Não quero me deixar seduzir pela dimensão autobiográfica dos Fradins, pois a autora nos adverte o tempo todo que analisa o “discurso humorístico” henfiliano e não exatamente “o problema do autor” que Bakhtin, ao observar a organização da “visão artística”, disse que se trata “de um homem dado nos valores de sua atualidade-presença no mundo”.¹² Recorro ao prosaísta russo para levantar a hipótese de que Henfil era mais Cumprido do que Fradim e cito-o numa missiva ao cartunista Glauco, de 12 de julho de 1974, quando *cucaracha* em *New York*, filosofa sobre nossos regionalismos, algo intrínseco aos tipos culturais do Alto da Caatinga, analisados nos capítulos seguintes do livro: “Quem é mais gente, mais humano, um nordestino flagelado ou um paulista de pizza rodízio? Injustiça social à parte, licença pra filosofar, tem uma contradição aí me esquentando a idéia e que acho que só os evangelhos trataram até hoje”.¹³ Uma coisa é o lugar social de origem, outra coisa é o lugar social para aonde se transita. Henfil se transformou num pasquiniano católico. Cultura não é jaula de ferro, mas não deixa de ser condicionamento. O discurso humorístico não salta a sua própria sombra. Por que estou afirmando isso se o Hegel das **Lições de Estética** não está no horizonte da autora?

Quando Conceição Pires abre o capítulo seguinte, o terceiro, citando Guimarães Rosa de que “os sertões são todos os nomes” um historiador deve observar que os sertões são também todos os credos e evangelhos e céus e infernos. Henfil,

¹¹ PIRES, Maria da Conceição Francisca. **Cultura Política entre Fradins, Zeferinos, Graúnas e Orelanas**. São Paulo: Annablume, 2010, p. 111.

¹² BAKHTIN. Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 201.

¹³ HENFIL. **Diário de um Cucaracha**. Rio de Janeiro: Record, 1976, p. 181.

Cumprido/Fradim das Gerais, sabia disso e então são trazidos à tona “os combatentes do sertão” que apareceram de forma esporádica no **Pasquim**, foram presença cotidiana no Caderno B do Jornal do Brasil e, depois de 1973, vinham a público mensalmente na **Revista Fradim**. Assim, Graúna é apresentada como uma “minúscula ave preta definida por um ponto de exclamação”; Bode Orelana é um “bode intelectual devorador de livros”; e, Zeferino é a expressão de um “cangaceiro-macho-lutador”. Esse é o grupo do Alto da Caatinga que a autora descarta como produção e representação “com caráter meramente regionalista”.¹⁴ Os componentes do grupo seriam antes “paródias de personagens ou de situações vivenciadas no cenário nacional”. A sensibilidade henfiliana teria compreendido, segundo a autora, que a

vida na caatinga seria, então, uma metáfora da vida no interior do auge da ditadura, em que predominava a desesperança e a constante iminência da morte, e o sertanejo sem terra, alimento e trabalho, pode ser percebido como uma representação da cotidiana luta pela sobrevivência naquele ambiente de completa restrição das liberdades civis e políticas.¹⁵

O grupo do Alto da Caatinga acaba se envolvendo numa guerra civil contra o personagem Lati, sem rosto e sem corpo, mas sabidamente representante da ordem agrária e da atuante repressão aos trabalhadores rurais.

Com era possível construir humor político em torno dos assassinatos dos trabalhadores do campo e da secular questão agrária que sensibilizava até a Igreja henfiliana do “Cio da Terra”? Além do mais, Henfil jogava pesado com as divisões e idiosincrasias das várias esquerdas representadas por Graúna, Zeferino e Bode Orelana. A historiadora Conceição Pires advoga que, para racionalizar sua crítica, Henfil “constrói o discurso humorístico se amparando na ironia, no distanciamento, na metáfora e na paródia instaurando um humor cuja força está na seriedade do conteúdo que ele invoca”.¹⁶ Esses tropos humorísticos que Henfil faz sair da boca e dos trejeitos dos combatentes do sertão, em se tratando de representações das esquerdas, lembram um pouco a concepção freudiana de “individualidades oníricas”¹⁷, no chão esturricado

¹⁴ PIRES, Maria da Conceição Francisca. **Cultura Política entre Fradins, Zeferinos, Graúnas e Orelanas**. São Paulo: Annablume, 2010, p. 125-28.

¹⁵ Ibid., p. 133.

¹⁶ Ibid., p. 165.

¹⁷ Remeto aos dois ensaios clássicos de FREUD, Sigmund. Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente (1905). In: _____. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1974. V. 8; Id. O Humor (1927). In: FREUD, _____. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1974. V. 21.

da caatinga ditatorial. Seria difícil imaginar Henfil no divã de Freud? Ou ainda ficamos com o Henfil dialógico acostado ao Bakhtin da “catarse da trivialidade” sobre o riso popular?

Essa dúvida epistemológica se torna mais aguda na medida em que o último capítulo do livro, o quarto, apresenta “Graúna: um canto feminino de autocrítica na Caatinga”. Conceição Pires já havia afirmado antes que a condição do cangaceiro Zeferino seria repetidamente secundária diante da situação de Graúna, “condutora da ação nas tramas da caatinga”. Duas considerações em defesa da importância desse último capítulo: a alta pasquinália era misógina (Millôr, Jaguar, Ziraldo, etc) e o Henfil das Alterosas tinha na mãe a expressão de um corpo beatificado, logo, ele e seu discurso humorístico, não estariam aptos às exigências do feminismo posterior à revolução sexual da década de 1960. A autora explora o caráter paradoxal, dialético e ambivalente de Graúna percebendo-a como aquela “personalidade” da integridade humorística, abalizada pelo próprio Henfil que, no número 23 da **Revista Fradim**, de 1978, escreveu: “é na reversão da expectativa, no susto, que o humor se realiza”.¹⁸ É através dessa ave “ponto de exclamação” que Henfil discute questões áridas no deserto mental da ditadura, como a contracepção, a gravidez e a legalização do aborto. Conceição Pires aborda as ações de Graúna nessa grande chave historiográfica da “história das mulheres e das relações de gênero” cuja contribuição da historiadora Rachel Soihet tem sido notável. Penso que a autora suspeitou que Henfil e a pasquinália estivessem mais para a indagação onírica de Freud – Afinal o que querem as mulheres? – do que para a textualidade dialógica de Bakhtin, esse “corretivo de realidade” que é o sentido primacial da “palavra risonha”. Com efeito, Graúna era o lado feminino da luta armada (moral e política) e representou a generosidade radical de uma geração de mulheres, mesmo que o seu criador, Henfil, tivesse medo da ditadura e da nova mulher. Foi talvez por isso que Conceição Pires sugeriu que a abordagem humorística henfiliana “reconheceu as demandas feministas, associando-as à luta por direitos sociais e políticos, bem como desnaturalizou práticas e discursos ligados às relações de gênero identificando a condição despótica que as caracterizava”.¹⁹

¹⁸ HENFIL. **Revista Fradim**, n. 23, 1978, Seção Fala, Leitor!, p. 40; PIRES, Maria da Conceição Francisca. **Cultura Política entre Fradins, Zeferinos, Graúnas e Orelanas**. São Paulo: Annablume, 2010, p. 177.

¹⁹ *Ibid.*, p. 227.

Consoante a esse universo feminino do Alto da Caatinga, o livro se encerra com “Orelana: um intelectual entre patrulhas ideológicas, autocensura e odorização”. Nas histórias – recuso-me a escrever *estórias* –, o Bode Francisco Orelana se alterna entre “o rigor revolucionário e uma banalidade quase venal”. É comedor de livros e, não raras vezes, quando pressionado para atitudes “sertanejas” (antes de tudo: fortes) em relação ao enfrentamento político, Orelana odariza para o desbunde tropicalista e mestiço. Seria ele a representação paradigmática das esquerdas culturalistas que haviam provado do vinho torpe do exílio? Não há dúvida de que o intelectual henfiliano desejava atuar numa base gramsciana, ainda que de interpretação vulgar, como sustenta a autora, querendo se integrar às classes sociais e organizar a sociedade civil. Nesse caso, o querer de Orelana, que se alimentava da cultura livresca, com Marx e Marcuse debaixo das axilas, parece coincidir com o de seu criador, que, no dia 11 de junho de 1975, escreveu a um amigo: “Nesta angústia, vou para Montreal neste domingo e volto no outro domingo. Entregando mais uma vez meu destino nas mãos dos outros, até que a liberdade abra as asas sobre nós. Ou será que vamos ter que abrir nossas asas sobre a liberdade?”.²⁰ Claro que, a partir dessa caatinga ficcional henfiliana, Conceição Pires demonstrou que havia uma permanente “crítica política aos acontecimentos cotidianos da ditadura”.²¹

Os estudos henfilianos, que se apresentam significativos desde a década de 1980, ganham mais uma obra marcante com a publicação de **Cultura Política entre Fradins, Zeferinos, Graúnas e Orelanas**. O presente livro de Conceição Pires chega para marcar o campo historiográfico que analisa a produção humorística, especialmente aquela oriunda da derrisão e do medo. O livro de Conceição Pires também contribui para que possamos nos despedir alegremente desse passado recente, cujo traço henfiliano foi tão pródigo em combater. Finalmente, poderemos rir, com e por Henfil, daqueles impropérios que o velho Ulisses Guimarães proferiu numa sessão histórica do Congresso Nacional, em 1988: “temos ódio da ditadura, ódio e nojo”.

Top! Top! Aqui ó!

²⁰ HENFIL. **Diário de um Cucaracha**. Rio de Janeiro: Record, 1976, p. 270.

²¹ PIRES, Maria da Conceição Francisca. **Cultura Política entre Fradins, Zeferinos, Graúnas e Orelanas**. São Paulo: Annablume, 2010, p. 261.